MATÉRIA FAMILIAR

Maria Cherman
Nathalie Ventura

O gesto criativo nasce do encontro entre a experiência vivida, o conhecimento acumulado e o campo do imaginado, somando-se às memórias como resposta aos estímulos do mundo. Com o tempo, muitas dessas referências perdem nomes, origens, fontes e chancelas, permanecendo como camadas invisíveis do processo artístico. É dessa herança, livre de categorias ou vínculos pré-estabelecidos entre poéticas, que nasce a exposição Matéria Familiar: o desejo de duas artistas visuais, avó e neta, de construir uma composição sinérgica entre dois corpos de obra que, à primeira vista, pareciam distantes entre si.

Observadas em perspectiva, no entanto, as produções de Maria Cherman e Nathalie Ventura revelam aproximações estéticas que emergem de estruturas conceituais bastante distintas. É para essas coincidências que a exposição concentra seu olhar. A relação das artistas com suas matérias de trabalho aperta o nó o suficiente para que essas forças convivam na mesma superfície e no mesmo espaço.

O primeiro dos encontros surge na investigação da geometria, ancorada no cubo e no quadrado. A partir de 2015, Maria Cherman se integra ao Coletivo Dez ao Cubo, que olha para o cubo como disparo criativo para o esgotamento das possibilidades formais. Pela escultura e pela fotografia, a artista se interessa pelas quinas e variações angulares na experiência da geometria. Nathalie Ventura, graduada em arquitetura, inicia sua produção operando com materiais da construção civil e investigando como eles se conjugam no campo da abstração, tendo o cubo como visita recorrente, tanto para estruturar uma composição quanto para dissolver suas partes, examinando as linhas. O que a interessa é justamente dissolver essa forma. O cubo se emancipa da perfeição, recusando o ideal da dimensão perfeita.

O impulso de interesse é uma metodologia. Para uma delas, as linhas perpendiculares tensionam o rigor da geometria com a instabilidade do material industrial. Para a outra, o cubo se repete como uma continuação silenciosa, um vocabulário que busca a exaustão.

Da geometria, as artistas avançam para a linha. Em Maria, ela se manifesta no contorno, na série Corpo-gráfico, por exemplo, na qual esculpe a paisagem do corpo em riscos minimalistas, e em Meus Vermelhos, onde amebas e figuras arredondadas ocupam os limites do chassi como moléculas, poros, células, tecido vivo. Em Nathalie, a linha aparece na estrutura das obras, que ganha presença como trama. É a mesma pulsão de entender o mundo por suas menores unidades, onde a organização das formas se impõe com força própria.

Um terceiro momento se dá nas encruzilhadas das tramas, um achado que a pesquisa das duas artistas revela aos poucos. Maria costura tecido, lã e madeira até erguer uma arquitetura têxtil da memória, que ecoa o talit, o xale judaico usado nas orações, tradicionalmente de lã ou seda, com franjas nos quatro cantos, os tzitzit, cujos nós simbolizam os mandamentos divinos. Nathalie manifesta nas malhas de aço um campo de disputa semelhante, até que a estrutura industrial se torne um desenho no espaço. Nessas tramas, encontra um campo infinito de negociação: equilibrar e desatar a função da malha em seu princípio construtivo.

Nos trabalhos recentes de ambas, a linguagem se liberta das superfícies mais tradicionais e encontra as raízes e os rizomas, deixando a rigidez descansar nos percursos otimizados pela natureza. É pelos encontros subterrâneos que as raízes trocam informações e nutrientes; o rizoma ramifica e se espalha em equilíbrio entre raiz e broto.

Assim como essas estruturas compartilham o mesmo terreno fértil, é abaixo da superfície que os trabalhos de Maria Cherman e Nathalie Ventura se enraízam, e é dali que o parentesco entre as artistas e poéticas segue brotando.

Ana Carla Soler
curadora

Kássia Meireles
assistente de curadoria

Ficha técnica
Exposição Matéria Familiar

Artistas: Maria Cherman e Nathalie Ventura
Curadoria: Ana Carla Soler
Assistência de curadoria e produção: Kássia Meireles
Relações Institucionais: Carla Oliveira
Assistência artística: Juliana Crispiniano
Imprensa: Domi Valansi
Montagem: Hugo Barnabé
Iluminação: Rogério Emerson
Fotografia: Fábio Souza
Gráfica: Novo Impacto
Molduras: AE Moldura, Estilo Fini Molduras e Isonete Porto Molduras

Agradecimentos: Bernardo Arribata, toda equipe do Centro Cultural Correios do Rio de Janeiro, Dani Cavalier, Karime Zaher, William Teitel, Sheila Ventura, Marina Castilho, Nicole Bach, Paula Mesquita, João Wesley, João Magalhães (i.m.), coletivo Dez ao Cubo, OLUGAR e a toda família Cherman e Ventura.